



DOI: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2024v12id5509>

Desinformação no Telegram: a autoridade científica em um grupo conspiracionista

Disinformation in Telegram: scientific authority in a conspiracist group

Desinformación en Telegram: autoridad científica en un grupo conspiracionista

Tiago Mainieri – Universidade Federal de Goiás | Goiânia | Goiás | Brasil. E-mail: tiagomainieri@ufg.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5186-7526>

Rafael Marques – Universidade Federal do Paraná | Curitiba | PR | Brasil. E-mail: borgesrm@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2788-3092>

Resumo: Em um contexto de crise epistêmica, a autoridade científica enfrenta desafios significativos de percepção e aceitação devido à queda de credibilidade na ciência, proliferação da desinformação e influência da lógica das plataformas. Neste trabalho, busca-se compreender o uso da autoridade científica no grupo desinformativo do Telegram Anti-Nova Ordem Mundial. Uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) das publicações foi realizada com auxílio do software MAXQDA. Os resultados apontam para uma percepção negativa do grupo da autoridade científica a partir de instituições, processos e produtos. E também uma adesão positiva a partir de profissionais que corroboram as crenças do grupo. Ressalta-se ainda a predominância da temática Pandemia nas discussões do recorte da amostra.

Palavras-chave: desinformação; plataformização; autoridade científica.

Recebido em: 03 jul. 2024 | Aprovado em: 16 dez. 2024 | Revisado em: 18 dez. 2024

Editora de Seção: Luciana Coutinho Pagliarini de Souza | Editora de Layout: Silmara Pereira da Silva Martins



Abstract: In a context of epistemic crisis, scientific authority faces significant challenges in perception and acceptance due to the decline in credibility in science, proliferation of misinformation, and influence of platform logic. This study seeks to understand the use of scientific authority within the disinformation group on the Telegram platform called Anti-New World Order. A content analysis (Bardin, 1977) of the publications was conducted with the assistance of the MAXQDA software. The results indicate a negative perception of scientific authority by the group, stemming from institutions, processes, and products, alongside a positive adherence from professionals who endorse the group's beliefs. Additionally, the predominance of the Pandemic theme in the discussions of the sample subset is emphasized.

Keywords: misinformation; platformization; scientific authority.

Resumen: En un contexto de crisis epistémica, la autoridad científica enfrenta desafíos significativos de percepción y aceptación debido a la disminución de la credibilidad en la ciencia, la proliferación de la desinformación y la influencia de la lógica de las plataformas. En este trabajo, se busca comprender el uso de la autoridad científica en el grupo desinformativo de Telegram Anti-Nueva Orden Mundial. Se realizó un análisis de contenido (Bardin, 1977) de las publicaciones con la ayuda del software MAXQDA. Los resultados indican una percepción negativa del grupo hacia la autoridad científica, proveniente de instituciones, procesos y productos, junto con una adhesión positiva por parte de profesionales que respaldan las creencias del grupo. Además, se destaca la predominancia del tema de la pandemia en las discusiones del recorte de la muestra.

Palavras claves: desinformación; plataforma; autoridad científica.



1 Introdução

A sociedade contemporânea é marcada pela integração cada vez mais profunda com tecnologias de informação e comunicação. A abrangência dessa integração inclui o consumo de notícias, informação e serviços em saúde, comunicação política, movimentos sociais, e tantos outros atos sociais que passam a ter na internet fundamentos que podem variar em grau de relevância para sua própria existência.

É nesse contexto que se materializam alguns dos medos de estudiosos que previam um futuro sombrio para a sociedade cada vez mais integrada à internet. Esse pessimismo passa, entre outros pontos, em especial pelo medo das consequências de produção amadora de informação na internet (Traquina, 2005; Keen, 2009; Wolton, 2011). Se especialistas e fontes com credibilidade disputam espaço com qualquer indivíduo capaz de produzir conteúdo online, a pluralidade de informações pode dificultar o acesso a informações de valor.

A mídia tradicional e a ciência passam a ocupar, por vezes, um papel antagonista de discursos que se apresentam como alternativos e que, não raramente, são categorizados como desinformativos. Algumas iniciativas dos conglomerados midiáticos buscaram lidar com esse problema, como as agências de checagem, por exemplo. Mas e a ciência? Embora a comunicação pública científica possa ocorrer por meios próprios ela também conta com a mídia para alcançar o público em geral sobre assuntos de interesse público (Brandão *et al.*, 2009).

A partir dessa necessidade, que também integra a problemática desordem informacional na internet, é preciso considerar a questão da autoridade científica. A autoridade científica é, segundo Bourdieu (1983), um tipo de capital social próprio do campo científico, almejado pelos indivíduos pertencentes a esse campo que buscam também as recompensas que a sua estrutura promete. A autoridade científica, portanto, não vem de graça ou isolada da comunidade científica. Ela é coletivamente construída enquanto elemento essencial desse campo, distribuída de maneira desigual entre seus membros de acordo com sua posição conquistada dentro desse mesmo campo.

Porém, isso não implica num isolamento do campo científico do resto da sociedade. Na verdade, o campo científico ocupa posição central na constituição de conhecimento fundamentado, confiável e potencialmente próspero. É por essa natureza que o campo científico, segundo Bourdieu (1983), possui relação com outros campos do conhecimento de maneira integrada aos anseios e necessidades da sociedade.

O propósito da ciência é prover o conhecimento mais confiável possível usando os meios disponíveis e o conhecimento que já se têm sobre o objeto em questão (Hansson, 2013). Como apontado por Bourdieu (1983), a comunidade científica se



constitui num jogo próprio de colaboração e disputa pelo estabelecimento de uma versão própria de conhecimento sobre os objetos.

Sendo assim, é natural que a ciência, enquanto instituição plural que engloba suas instituições, campos de estudo e indivíduos, faça parte da disputa pela “verdade” com outros campos sociais que passam a ter acesso a esse conhecimento. Durante a pandemia, por exemplo, o conhecimento científico foi apropriado e convertido em políticas públicas de saúde por alguns Estados mas foi negado ou deturpado por outros.

É importante notar, portanto, que a autoridade científica é um tipo de capital social que transcende o campo científico, resultando em diversas frentes de interação – positivas ou negativas — com outros atores sociais que mantêm relações diversas com esse conhecimento e seus produtores, detentores da autoridade científica percebida.

É a partir dessa perspectiva que este trabalho se volta para o uso da autoridade científica em contextos desinformativos nas redes sociais. A plataformização (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020) inclui as instituições científicas, os cientistas e os processos científicos. Assim como as relações que estes possuem com a parcela majoritária da sociedade que está fora de seu campo, incluindo os proponentes de conhecimento alternativo ao científico.

Têm-se, portanto, uma posição privilegiada em que a constante inter-relação com as outras esferas da sociedade deveria ser regra. É claro que nessa disputa de poder pela verdade existem conflitos com outras instituições interessadas, mas a ciência é campo de produção de conhecimento testável, referendado, confiável. E é a partir dessa percepção externa que a autoridade científica é corroborada socialmente fora do campo científico.

Este trabalho observa a comunicação em contextos desinformativos em busca da natureza da presença da autoridade científica. É possível considerar um potencial prejuízo social proveniente da dificuldade em diferenciar ciência de não-ciência nas redes sociais em um contexto de plataformização que coloca em pé de igualdade esses tipos de conhecimento (Seçkin *et al.*, 2021).

A justificativa para esse enfoque, portanto, se dá pela necessidade de compreensão dos processos inerentes aos grupos desinformativos que lançam mão da autoridade científica para induzir ao engano. Busca-se responder à seguinte questão: Qual é o papel da autoridade científica na comunicação de grupos desinformativos no Telegram?



2 Ciência, pseudociência, internet e desinformação

A ciência conquistou notoriedade e reconhecimento como fonte de conhecimento confiável ao longo da história. Kuhn (1970) credita isso à capacidade da ciência em resolver problemas, dentro de um jogo de constante quebra de paradigmas e proposições de novas perspectivas baseadas em novos problemas. Esse embate processual entre o que o autor chama de ciência normal e ciência revolucionária só é possível porque a comunidade científica está apta, por sua natureza, a embasar seus paradigmas em fatos e pesquisa, oportunizando assim a proposição de novas hipóteses disruptivas dentro da ciência. As pseudociências não obedecem a essa lógica.

Bunge (1984) diferencia o conhecimento não científico do científico ao enquadrá-los em grandes campos cognitivos. O primeiro é aquele campo da crença, onde estão a religião, ideologias políticas e a pseudociência. O segundo é o campo da pesquisa, onde estão os diversos braços da ciência como a matemática, as humanidades, ciências aplicadas etc.

Hansson (2009) busca desenvolver essa demarcação, considerando o apontamento de Bunge (1984) de que nenhum critério específico de demarcação vai ser universalmente adequado e apresenta uma nova linha delimitadora para ciência e pseudociência. O autor (Hansson, 2009, p. 239) insere a demarcação da ciência e da pseudociência como uma parte essencial da delimitação do conhecimento epistemologicamente garantido.

A garantia epistemológica é um conceito de Fuller (1985, p. 331) que prevê a capacidade da ciência em prover as informações mais confiáveis possíveis de se obter sobre seus vários objetos como um componente essencial na economia cognitiva. Nesse sentido, a sociedade "compra" um enunciado científico confiando-se nessa garantia.

Hansson (2009, p. 239) afirma, então, que é possível categorizar um sistema como pseudocientífico quando ele 1) é pertinente a um problema dentro do domínio da ciência, 2) não é epistemologicamente garantido e 3) é parte de uma doutrina em que seus maiores proponentes tentam criar a impressão de que ela é epistemologicamente garantida.

A demarcação de Hansson (2009) deixa clara a possibilidade de enunciados pseudocientíficos que simulam a garantia epistemológica a fim de obter autoridade científica. Aqueles indivíduos envolvidos com a pseudociência, embora possam até integrarem o campo científico, não alcançam legitimamente a autoridade científica.

Eles subvertem a lógica processual do campo e, embora até possam enganar indivíduos da comunidade científica por certo tempo, simulando o processo de quebra do paradigma científico (Kuhn, 1997), as refutações factuais acabarão ruindo sua



fachada montada. Após isso, enfrentarão dificuldades em readquirir seu status no campo e possivelmente terão sua trajetória prejudicada.

Porém, essa perspectiva apurada passa longe do escopo do cidadão leigo que, pertencendo a uma sociedade plataformizada esporadicamente bombardeada com comunicação científica, pode não ter tempo ou recursos para diferenciar facilmente a autoridade científica legítima daquela simulada. E há de se questionar qual o papel das plataformas nisso.

As plataformas são facilmente identificadas quando consideramos as empresas que estão por trás das redes sociais como Meta, TikTok e Twitter, que coletam e monetizam sistematicamente dados de seus usuários. Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) descrevem o processo através do qual as plataformas impactam a sociedade de várias maneiras, chamado *plataformização*. Esse impacto se dá a partir da inserção de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida, além da reorganização de práticas e imaginações culturais em torno de plataformas.

Embora a desinformação seja um fenômeno manifesto nas plataformas, é preciso deixar claro que ela não é algo recente, já que boatos e informação falsa propositalmente espalhada sempre existiram (D'ancona, 2018; Fallis, 2009). Contudo, na sociedade contemporânea, as plataformas dão alcance e acessibilidade inéditos a esse tipo de conteúdo, gerando consequências muito mais severas.

Wardle e Derakhshan (2017, p. 5) destrincham os elementos do ecossistema desinformativo, onde os conteúdos (que possuem várias naturezas) podem ser categorizados como: a) *informação incorreta (misinformation)*, o compartilhamento de informação falsa sem intenção de causar dano; b) *desinformação (disinformation)*, o compartilhamento de informação falsa com intenção de causar dano; e c) *má-informação (malinformation)*, que é o compartilhamento de informação verdadeira com intenção de causar dano.

Albuquerque e Quinan (2019, p. 84) apontam uma crise epistemológica na sociedade contemporânea, cuja consequência é a redução da confiança em instituições tradicionalmente produtoras de conhecimento e informação confiáveis. Essa crise epistemológica também pode ser explicada a partir de um critério de confiabilidade que ganha força nas plataformas: o empirismo pessoal limitante (Marineli, 2020). Esse enviesamento leva os atores conectados a confiar cada vez mais em experiências e crenças pessoais sobre o mundo em detrimento de fatos ou informações dessas instituições descredibilizadas.

É possível argumentar que o indivíduo embasado em conteúdo falso é equivalente ao ignorante sobre determinado objeto. Porém, as duas condições são distintas. Lewandowsky (2021, p. 107-108) afirma que as pessoas que consomem



desinformação tendem a não só não mudar de opinião depois de serem confrontadas com fatos mas também reafirmam sua própria crença no conteúdo desinformativo.

Essa tendência foi nomeada como efeito backfire (Nyhan; Reifiler, 2010). Os indivíduos priorizam um comprometimento ideológico com o enunciado que os faz ignorar as contradições em sua crença.

A desinformação, portanto, é um fenômeno profundamente dependente da lógica das plataformas. As ligações entre o capital e a desinformação dão um caráter industrial à desinformação, que passa a operar de maneira objetiva e financiada (Oreskes; Conway, 2010; D'ancona, 2018), difundindo informações falsas em benefício de interesses privados. O interesse de capital na desinformação elucida a escolha pela simulação da autoridade científica por aqueles que disseminam conteúdo desinformativo pseudocientífico.

No contexto de plataformização, onde pesquisadores e instituições cada vez mais precisam recorrer a redes sociais para serem ouvidos, os indivíduos adeptos aos campos pseudocientíficos possuem acesso aos mesmos recursos. Têm-se, portanto, um cenário de disputa onde de um lado estão aqueles que realizam comunicação científica e do outro aqueles que desinformam com conhecimentos pseudocientíficos.

É importante apontar que essa "simulação" da autoridade científica não precisa necessariamente ocorrer fora do campo científico. Aqueles pesquisadores que aderem à fraude científica ou à pseudociência também podem atingir o campo de dentro, talvez até simulando o que Bunge (1984) chama de endo-heresia dentro da lógica kuhniana da ciência, quando na verdade cometem uma exo-heresia. Os profissionais de saúde que contestaram a necessidade da vacina ou medidas preventivas durante a pandemia ilustram bem essa atitude.

A simulação da autoridade científica pode não encontrar fundamento dentro do campo científico, já que ocorre à parte da estrutura de concessão de autoridade científica inerente a ele, mas se esgueira facilmente sob os olhos desatentos de todos aqueles indivíduos fora do campo. Esse cenário é agravado pela natureza dos critérios de relevância das plataformas que tendem a beneficiar um grande rol de aptidões dos produtores de conteúdo antes da veracidade científica de suas afirmações.

Vide, por exemplo, a necessidade de pesquisadores e profissionais de saúde precisarem recorrer a memes e dancinhas para tentar alcançar relevância no TikTok durante a pandemia e ajudar a combater desinformação (Southerton, 2021). Em outras palavras, a comunicação científica briga pela atenção do público munida das mesmas potencialidades que a comunicação pseudocientífica, porém seus espectadores e juízes podem ter dificuldades em fazer uma leitura adequada dessa disputa.



3 Metodologia e análise

Desde a repercussão negativa atrelada às plataformas de redes sociais pelo papel da desinformação no referendo do Brexit e na eleição de Donald Trump, em 2016 (D'ancona, 2018), diversas iniciativas surgiram ao redor do mundo cobrando certa responsabilização e prevenção por parte das empresas. A Meta — conglomerado de plataformas que inclui o Instagram, o Facebook e o Whatsapp — e o Twitter (atual X) foram algumas das que assumiram o compromisso de fiscalizar melhor o conteúdo veiculado em suas plataformas, reviram suas políticas de uso e criaram mecanismos de denúncia e punição para conteúdos e usuários desinformativos (Vital, 2022).

Dessa maneira, estudos (Rogers, 2020; Urman; Katz, 2022; Wijermars; Lokot, 2022) têm observado um fluxo de celebridades e grupos desinformativos, principalmente aqueles de teor político alinhado à extrema-direita, evadirem das plataformas mainstream para outras com políticas de uso mais livres, como o Telegram.

Esse relacionamento entre a desinformação e a extrema direita pode ser abordado de diversos ângulos como a proximidade entre a conexão da crença em teorias conspiratórias e simpatia ao populismo (Castanho Silva; Vegetti; Littvay, 2017; Mede; Schäfer, 2020), o largo investimento industrial em *think-tanks* de direita e cientistas para disseminação de desinformação (Oreskes; Conway, 2010; Lewandowsky, 2021), e o envolvimento de lideranças políticas de extrema-direita com campanhas e práticas desinformativas (D'ancona, 2018).

As *affordances* do Telegram permitem que os administradores concedam certos níveis de interação para seus membros, de modo que os grupos podem funcionar numa lógica onde os membros comuns não podem comentar, reagir nem postar e os administradores possuem controle total sobre tudo que é postado até uma totalmente permissiva e aberta onde é possível postar, comentar e reagir quase livremente.

A escolha partiu de uma seleção prévia de grupos que permitiam ao menos que os membros reagissem em publicações da administração. Essa escolha é justificada para ser possível estabelecer a popularidade das publicações no grupo. Posteriormente, mais um filtro foi aplicado sobre a temática do grupo. Aqueles grupos com temática mais generalista, sem comprometimento temático exclusivo, mas que ainda possuem um teor desinformativo percebido foram escolhidos para a seleção final. Por fim, o grupo com maior número de membros foi selecionado: "Anti - Nova Ordem Mundial"¹.

O grupo conta, atualmente, com 21.207 membros. Em sua descrição, ele se estabelece contra a "Nova Ordem Mundial", o "Sistema" e a "Elite Globalista", e promete "revelar tudo o que te omitem". A descrição ainda disponibiliza um hiperlink

¹ Disponível em: <https://t.me/fimdostemposbrasil>. Acesso em 10 ago. 2022.



para outras redes sociais e canais do próprio grupo além de cursos e canais exclusivos pagos. Esse conglomerado de canais é chamado Portal Fim dos Tempos

É importante notar, desde já, a presença do interesse de capital financeiro, não como pano de fundo difuso (explicitado por trabalhos que relacionam o capital com a indústria da desinformação), mas de maneira explícita e retroalimentável. Além da lógica da desinformação financiada dissimuladamente por interesses escusos (D'ancona, 2018), é possível observar aqui a desinformação como objeto de consumo.

Esses canais pagos, anunciados constantemente no grupo como "exclusivos", "fechados" e "restritos" dialogam diretamente com o sentimento de satisfação de pertencimento e atividade em grupos conspiratórios descrito por Fenster (1999) e ao lucro simbólico pelo pertencimento associado ao capital social (Bourdieu, 2013, p. 75). O ato de ingressar nesses canais implica num possível envolvimento convicto e profundo desses indivíduos com as crenças compartilhadas no grupo.

É importante salientar que os atos anti-democráticos após os resultados para as eleições de outubro de 2022, em 8 de janeiro de 2023, significaram um grande alvoroço em comunidades conspiracionistas na plataforma. Pela experiência dos autores com o tema é possível afirmar que diversas destas comunidades se converteram em ambientes de aglomeração para conteúdo de extrema-direita, alinhadas a um movimento de defesa do candidato derrotado, deposição do vencedor das eleições presidenciais e/ou do regime democrático.

Quando o Supremo Tribunal Federal ordenou a suspensão da plataforma por não cumprimento de decisões judiciais que buscavam investigar e inibir o compartilhamento de informações falsas², o Telegram se conformou às determinações legais exigidas. Isso levou à suspensão de diversas comunidades do tipo e também à reconfiguração das que permaneceram, a fim de driblar o monitoramento e evitar novas punições.

Essa nova disposição pulverizou o conteúdo conspiracionista, especialmente os com conotação política e anti-vacina, em grupos com diferentes temáticas e modos de operação. Deste modo, entende-se que recorrer a um recorte temporal que antecede esse desarranjo descrito, mesmo que relativamente antigo, pode oferecer um ângulo proveitoso para a investigação sobre a percepção deste público sobre o tema deste artigo e que ainda hoje reverbera em outras comunidades de forma mais esparsa.

As publicações de janeiro a junho de 2022 foram extraídas através da ferramenta Exportar da própria plataforma, disponível para qualquer membro do grupo. Esse recorte temporal é justificado pela preocupação de evitar uma homogeneidade temática, já que em 2021 houve o auge da pandemia e em outubro de 2022 eleições presidenciais (assumindo a conexão entre populismo de extrema-

² Disponível em: [Supremo Tribunal Federal \(stf.jus.br\)](https://stf.jus.br). Acesso em: 14 out. 2024.



direita e conspiracionismo). O documento exportado inclui mensagens textuais e conteúdo de mídia (fotos, vídeos, *gifs*, *stickers*); sem, no entanto, fornecer as respostas, número de visualizações ou reações ao conteúdo.

Após esse procedimento de extração dos dados, o software MAXQDA³, ferramenta de análise de dados qualitativos que permite organização, categorização e análise de conteúdo em áudio, texto e imagem, foi utilizado para limpeza, recorte e categorização da amostra, utilizando os termos citados anteriormente. Esse recorte resultou em 208 publicações que foram novamente revisadas e filtradas, levando em consideração a relevância e centralidade do tema nas publicações.

O resultado foi uma amostra de 150 publicações. Nesse momento foi realizada a leitura flutuante para definição das pré-categorias. Constatou-se que, mesmo que medidas de prevenção de homogeneidade temática tenham sido tomadas (escolha de um grupo multitemático e recorte temporal), 98 das 150 publicações (65%) abordavam elementos relativos à pandemia. As frequências (f) de outros temas como a promoção do canal exclusivo (f=7), laboratório de armas biológicas na Ucrânia (f=6), varíola dos macacos (f=3), entre outros, foram em número tão baixo que uma análise temática-categorial não seria a melhor escolha considerando o objetivo do trabalho.

Definiu-se então os seguintes códigos a serem aplicados no corpo textual da amostra, considerando-se também a mídia agregada:

- a) instituições;
- b) processos e produtos;
- c) profissionais.

Esses códigos foram concebidos após constatação de que a autoridade científica aparecia, independentemente do contexto de uso, na citação destes três elementos.

Por fim, ao término da categorização, foi necessário o retorno às publicações no próprio aplicativo para registro manual das reações com a intenção de identificar algum nível de relevância daqueles conteúdos para os membros do grupo. É importante ressaltar que os comentários seriam considerados, mas na análise foi constatado que o direito a comentar foi restringido por quase um terço do período amostral. Dessa forma, o critério de relevância é constituído pelas reações à publicação na forma de emojis disponibilizados pela plataforma.

Em relação à mídia, foram registradas postagens contendo vídeos (f=118), fotos (f=31), links (f=17), documento (f=1) e postagens contendo mais de uma mídia (f=18). Sobre a média de reações (MR) por mídia, foram registradas: MR foto = 44, MR vídeo = 35, MR link = 25, MR documento = 25.

³ Disponível em: <https://www.maxqda.com/brasil>. Acesso em: 20 set. 2024.



Esses registros demonstram uma preferência do canal em utilizar conteúdo imagético, especialmente em vídeo. Mas também uma relevância maior entre os membros do grupo em publicações que utilizam fotos e uma relevância menor para conteúdos com link e documentos. Talvez isso demonstre uma preferência pelo conteúdo de consumo rápido, que não demanda tempo (como o vídeo) ou esforço (como links de matérias ou documentos).

Durante a codificação, percebeu-se a necessidade de subcódigos que apreendessem o contexto de apropriação da autoridade científica nas três pré-categorias. A justificativa se dá pela necessidade de compreender a adesão ou rejeição do público de acordo com o contexto. Dessa maneira têm-se as categorias:

Quadro 1 – Tabela categorial

Categoria	Subcategoria	Frequência (f)	Média de reações (MR)
Instituição	Favorável	7	23
	Neutro	9	57
	Negativo	34	35
Processos e produtos	Favorável	24	30
	Neutro	3	45
	Negativo	74	31
Profissional	Favorável	94	33
	Neutro	3	69
	Negativo	13	35

Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.1 Categoria Instituição

Nessa categoria estão incluídas as publicações que nomeavam instituições científicas, de fomento à produção científica ou de produção de conhecimento



percebido como científico como universidades, laboratórios, empresas de biotecnologia, centros de pesquisa, institutos e ONGs. Também estão incluídas as referências à ciência como entidade unificada, como uma instituição social. A frequência geral da categoria é a menor das três. Esse fato pode talvez ser explicado pela necessidade do apelo ao empirismo pessoal limitante (Marineli, 2020) que exige uma pessoalização e proximidade na constituição da crença. É mais fácil criticar uma pessoa ou um produto científico do que uma instituição em toda sua complexidade e abstração.

É possível notar que a maior frequência ocorreu em publicações com teor negativo, as da subcategoria Negativo. Isso ocorreu, principalmente, pelo domínio temático da pandemia. As publicações desta subcategoria citavam criticamente as atitudes, enunciados, pesquisas e participação destas instituições em confronto com as crenças do grupo. Essa crítica, conseqüentemente, se estendeu principalmente àquelas instituições envolvidas no combate à pandemia como a OMS, o CDC, a Pfizer, a Moderna, entre outros.

As publicações da subcategoria Neutro normalmente relatavam de maneira imparcial o conteúdo de uma mídia de suporte, funcionando somente como uma apresentação do conteúdo. Isso talvez ajude a explicar o alto número de reações gerado nessa subcategoria, já que o julgamento sobre o conteúdo ficava a cargo dos membros do grupo.

Era comum, por exemplo, o compartilhamento de vídeos de autoridades médicas esclarecendo dúvidas sobre a pandemia com uma chamada textual de suporte dando destaque a algum trecho como a recomendação ao uso de máscaras ou necessidade de mais doses. Outras ocorrências dessa subcategoria incluem o compartilhamento de estudos que não são falsos mas são de interesse do público, como estudos nutricionais. É importante apontar, contudo, que mesmo esses estudos paralelos servem ainda dentro da estrutura narrativa conspiratória para gerar coerência com a crença do grupo. Como, nesse exemplo, a lógica parece ser a de que você deve aprender a comer melhor, logo você não precisará da vacina.

Já as publicações da subcategoria Favorável incluem as publicações que enaltecem instituições a partir do ponto de vista das crenças do grupo. São publicações que não necessariamente são verdadeiras. É comum o caso de deturpação de informações, descontextualização da pesquisa ou simplesmente estudos/instituições falsos.

Por exemplo, aqui foram registradas publicações informando que alguma empresa farmacêutica tinha confirmado a eficiência do tratamento com ivermectina para Covid-19, ou que alguma universidade tinha anunciado que a Terra é oca. Na verdade, aqui é bem comum a citação de instituições indefinidas como "uma universidade", "um instituto", "uma empresa". Mas também existem casos de institutos



reais que são enaltecidos, desde que as atitudes ou discursos envolvidos estejam de acordo com as crenças do grupo.

Sua baixa relevância talvez demonstre uma preferência dos membros do grupo em engajar com conteúdo que gere emoções negativas como revolta, discordância ou a percepção de uma conspiração. Também é possível que exista certo grau de ceticismo em relação às teorias conspiratórias e desinformação mais imaginativas).

3.2 Categoria Processos e Produtos

Essa categoria engloba as publicações onde a autoridade científica era abordada a partir de seus processos (incluindo pesquisa, práticas, pesquisas, comunicação, políticas públicas e participação política) e seus produtos (incluindo as tecnologias científicas, serviços e produtos).

O destaque dessa categoria, é claro, foram as vacinas contra a Covid-19. Elas receberam a maior parte das publicações, acompanhadas pelas máscaras, pesquisas de desenvolvimento de vacinas, orientações de prevenção etc. Também estiveram presentes citações a processos e produtos conspiratórios, como chips nas vacinas, máquinas do tempo, máquinas ancestrais, motores de energia infinita, pesquisas com fetos abortados, cientistas a serviço da Nova Ordem Mundial, entre outros.

Essa tendência negativa é representada na frequência da subcategoria Negativo, a segunda maior de toda a amostra. Além do contexto pandêmico, as publicações desta subcategoria incluíam teorias conspiratórias envolvendo a ciência com todo tipo de prática e objetivos escusos que incluem redução populacional, dominação global, extermínio, conversão homossexual, ocultamento de verdades, conspiração da Big Pharma entre outros. Nesse sentido, o grupo até criou um apelido para a pandemia: "plandemia".

Processos e produtos favoráveis incluem aquelas publicações que enaltecem, principalmente, estudos falsos que supostamente comprovariam as conspirações existentes nas crenças do grupo. Estão aqui estudos que corroboram as teorias do tratamento alterativo contra Covid-19, da terra oca, terra plana, energia infinita e limpa, gigantes no passado, de que o HIV não existe, visitas alienígenas, tecnologias ancestrais avançadas, que dinossauros ainda existem, etc. Também estão presentes os relatos de estudos ou questionamentos que enfrentam o *status quo* científico, postura admirada no grupo. Novamente, seu baixo engajamento pode indicar uma linha de crença limitada em relação a discursos muito imaginativos.

As publicações da subcategoria Neutro possuem falsa relevância pois uma delas noticia o início dos estudos para identificar a origem da epidemia de varíola dos macacos. Essa publicação tem 88 reações, o que desequilibrou a média da subcategoria. As outras duas publicações são uma notícia sobre o desenvolvimento de



um trem-bala na Coreia e o trecho do discurso de um prefeito estadunidense sobre a relação entre política e ciência.

3.3 Categoria Profissionais

Essa é a categoria mais emocional da amostra. Ao nomear cientistas, médicos e pessoas percebidas como autoridades científicas, as publicações tendem a endossar inteiramente aqueles que reforçam as crenças do grupo e criticar violentamente os que agem em sentido contrário. Existe um componente claro de adesão e rejeição puramente baseado no reforço do sistema de crenças conspiratórias. É notável também a presença de autoridades científicas ligadas à pandemia, dos dois lados da disputa.

Um ponto interessante a ser notado é que nenhuma autoridade médica científica brasileira foi citada. Entre as pessoas com autoridade médica simulada estão o Professor Afonso do canal Terra Plana e Rodrigo José Polônio, conhecidos por propagar desinformação e teorias conspiratórias. Isso se reflete na maior frequência das três categorias.

Na subcategoria Favorável estão justamente os médicos e pesquisadores que endossam as crenças conspiratórias ou questionam o que Kuhn (1997) chama de ciência normal, propondo novos paradigmas. Mesmo que isso não possua nenhum embasamento factual ou relevância no campo científico, a palavra desses indivíduos costuma ser tomada como verdade absoluta, o que se reflete na transcrição subalterna que se faz de todos seus discursos. Um dos conspiracionistas mais citados, Vladimir Zelenko, faleceu em junho e a publicação noticiando sua morte foi motivo de grande comoção entre os membros do grupo.

Outro fenômeno interessante é o enaltecimento de cientistas de maneira descontextualizada para fortalecer alguma crença do grupo. Por exemplo, numa publicação se cita Tesla para afirmar que as elites ocultaram o gerador de energia infinita e gratuita que ele havia desenvolvido. Em outra se usa Bill Nye dizendo que a Terra é um sistema fechado, num sentido de ecossistema, como argumento terraplanista. A citação, nestes casos, serve para fortalecer a mentalidade conspiracionista.

Os médicos ou pesquisadores que foram criticados estão na subcategoria Negativo por apresentarem comportamento ou discurso destoante das crenças do grupo. Essas críticas são contextualizadas dentro de algum argumento conspiracionista. Por exemplo, uma das autoridades médicas mais citadas nessa subcategoria é o imunologista Anthony Fauci, que é severamente criticado dentro do grupo, sendo chamado nas publicações de maldito, bicha, demônio e pelo apelido "Dr. Fraudci". Outro conector do grupo com a extrema direita é o fato de Fauci ter integrado a gestão do presidente estadunidense Joe Biden após ser opositor às políticas de saúde do governo Trump.



A subcategoria Neutro também é mal representada na variável MR. A publicação noticiando a morte de Vladimir Zelenko, médico conspiracionista anti-vacina, alcançou 121 reações. As outras duas são o relato de um pesquisador que recuperou um avião militar soterrado em uma geleira e a transcrição do anúncio do retorno da obrigação das máscaras pelo representante da FDA nos EUA.

4 Considerações finais

A análise deixa clara uma apropriação negativa da autoridade científica a partir de instituições, processos e produtos. Isso pode demonstrar uma rejeição ao aspecto institucionalizado e materializado da ciência construído ao longo do processo de perda da sua credibilidade.

Enquanto isso, a apropriação favorável através de produtores de conteúdo que aparentam possuir autoridade científica que corroboram as crenças do grupo demonstra dois aspectos: Em primeiro lugar a plataformização da disputa pela verdade científica somada à lógica de consumo que obedece a critérios emotivos, enviesados, empiristas e de proximidade favorecem muito mais aqueles que fornecem sensações do que fatos. Em segundo lugar, a comunicação científica não só necessita recorrer a práticas que gerem relevância no contexto das plataformas mas ela nem ao menos sabe se possuirá penetrabilidade em grupos como este. Todas as autoridades científicas citadas foram atacadas, deturpadas ou descontextualizadas em prol de uma narrativa maior do grupo.

Isso passa também pela reação da sociedade às consequências da plataformização. Mas isso deve ser feito, é claro, através de estudos que busquem compreender a lógica de funcionamento destes grupos. Como afirmam Poell, NIEBORG e VAN DIJCK (2020), a plataformização só pode ser regulada de forma democrática e efetiva pelas instituições públicas se entendermos seu processo.

As regras do jogo favorecem a prática desinformativa mas isso não pode levar a uma reação autoritária impensada. Enquanto cientistas, como afirma Hansson (2013), nosso objetivo deve ser prover as melhores respostas possíveis para os problemas. E a melhor resposta possível nesse caso deve ser uma que é embasada factualmente, munida de espírito científico.

Por último, a predominância de temas relacionados à pandemia reafirma a relevância das discussões sobre desinformação em saúde. Segundo Araújo e Cardoso (2007, p. 81) as redes sociais facilitam a formação de comunidades discursivas da saúde, que desenvolvem uma lógica própria de comunicação e, mesmo que periféricamente, disputam poder simbólico. É preciso atenção especial a esse tipo de comunidade pois o interesse público passa longe de seus objetivos de poder e elas podem ser sedutoras o suficiente para prender cidadãos em uma teia desinformativa de difícil resolução.



Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal "Professor Terra Plana". **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 13, n. 3, p. 83-104, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38088>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito *et al.* Conceito de comunicação pública. *In*: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 1-33.
- BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: sociologia. *In*: ORTIZ, R. (org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1983. v. 39, p. 122-155.
- BUNGE, Mario. What is pseudoscience? **The Skeptical Inquirer**, Amherst, v. 9, n. 1, p. 36-46, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social—notas provisórias. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 73-79.
- CASTANHO SILVA, Bruno; VEGETTI, Federico; LITTVAY, Levente. The elite is up to something: exploring the relation between populism and belief in conspiracy theories. **Swiss political science review**, Zurique, v. 23, n. 4, p. 423-443, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/spsr.12270>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- FALLIS, Don. A conceptual analysis of disinformation. *In*: CONFERENCE, 1., 2009, Chapel Hill. **Proceedings** [...]. Chapel Hill: University of North Carolina, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2142/15205>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- FENSTER, Mark. **Conspiracy theories: secrecy and power in american culture**. Minnesota: Minnesota Press, 1999.
- FULLER, Steve. The demarcation of science: a problem whose demise has been greatly exaggerated. **Pacific Philosophical Quarterly**, Los Angeles, v. 66, n. 3-4, p. 329-341, 1985. Disponível em:



[https://www.academia.edu/110339010/The Demarcation of Science A Problem Who se Demise Has Been Greatly Exaggerated](https://www.academia.edu/110339010/The_Demarcation_of_Science_A_Problem_Who_se_Demise_Has_Been_Greatly_Exaggerated). Acesso em: 19 dez. 2024.

HANSSON, Sven Ove. Cutting the gordian knot of demarcation. **International Studies in the Philosophy of Science**, Londres, v. 23, n. 3, p. 237-243, 2009.

Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A500501&dswid=-8784>. Acesso em: 19 dez. 2024.

HANSSON, Sven Ove. Defining pseudoscience and science. *In*: PIGLIUCCI, Massimo; BOUDRY, Maarten (ed.). **Philosophy of pseudoscience**: reconsidering the demarcation problem. Chicago: University of Chicago Press, 2013. p. 61-77.

Disponível em: <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/P/bo15996988.html>. Acesso em: 19 dez. 2024.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KUHN, Thomas. Logic of discovery or psychology of research? *In*: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (ed.). *In*: THE INTERNATIONAL COLLOQUIUM IN THE PHILOSOPHY OF SCIENCE, 1970, Cambridge. **Proceedings** [...]. Cambridge: Cambridge University, 1970. p. 1-24.

KUHN, Thomas. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

LEWANDOWSKY, Stephan. Climate change disinformation and how to combat it. **Annual Review of Public Health**, Palo Alto, v. 42, n. 1, p. 1-21, abr. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33355475/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

MARINELI, Fábio. O terraplanismo e o apelo à experiência pessoal como critério epistemológico. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 1173-1192, 2020. Disponível em:

https://repositorio.ufla.br/bitstream/1/46812/1/ARTIGO_O%20terraplanismo%20e%20o%20apelo%20%C3%A0%20experi%C3%Aancia%20pessoal%20como%20crit%C3%A9rio%20epistemol%C3%B3gico.pdf. Acesso em: 19 dez. 2024.

MEDE, Niels G.; SCHÄFER, Mike S. Science-related populism: conceptualizing populist demands toward science. **Public Understanding of Science**, Londres, v. 29, n. 5, p. 473-491, 2020. Disponível em: <https://www.nielsmede.com/publication/mede-schaefer-2020a/paper.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2024.



NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. When corrections fail: the persistence of political misperceptions. **Political Behavior**, New York: v. 32, n. 2, p. 303-330, 2010. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/225336846_When_Corrections_Fail_The_Persistence_of_Political_Misperceptions. Acesso em: 18 dez. 2024.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik M. **Merchants of doubt**: how a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. USA: Bloomsbury Publishing, 2010.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://dare.uva.nl/search?identifier=12991165-aa81-4b41-a648-0430c3fb1b54>. Acesso em: 19 dez. 2024.

ROGERS, Richard. Deplatforming: following extreme Internet celebrities to Telegram and alternative social media. **European Journal of Communication**, Londres, v. 35, n. 3, p. 213-229, 2020. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0267323120922066>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SEÇKIN, Gül *et al.* In Internet we trust: intersectionality of distrust and patient non-adherence. **Information, Communication & Society**, Londres, v. 24, n. 5, p. 751-771, 2021.

SOUTHERTON, Clare. Lip-syncing and saving lives: healthcare workers on TikTok. **International Journal of Communication**, Los Angeles, v. 15, p. 21, 2021. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/download/16900/3498>. Acesso em: 19 dez. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

URMAN, Aleksandra; KATZ, Stefan. What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram. **Information, Communication & Society**, Londres, v. 25, n. 7, p. 904-923, 2022. Disponível em: <https://sonar.ch/global/documents/14663>. Acesso em: 19 dez. 2024.

VITAL, Danilo. Do tiktok às igrejas, TSE cria cerco para proteger e garantir as eleições de 2022. **Consultor Jurídico**, São Paulo, 16 jun. 2022. Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/2022-jun-16/tiktok-igrejas-tse-cria-cerco-protoger-eleicoes-2022/>. Acesso em: 19 dez. 2024



WIJERMARS, Mariëlle; LOKOT, Tetyana. Is Telegram a 'harbinger of freedom'? The performance, practices, and perception of platforms as political actors in authoritarian states. **Post-Soviet Affairs**, Londres, v. 38, n. 1-2, p. 125-145, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1060586X.2022.2030645>. Acesso em: 19 dez. 2024.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.